

A QUESTÃO ENTRE DISCURSO E TRABALHO

THE ISSUE BETWEEN WORK AND ADDRESS

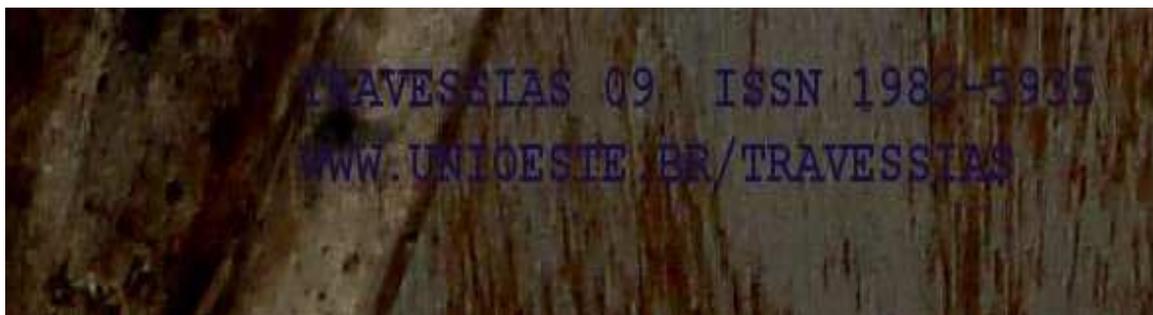
Wander Amaral Camargo¹

RESUMO: O presente artigo se constitui como produto de uma investigação que toma a função sociológica do trabalho dos professores como objeto entendido como conceito das mudanças promovidas pela reforma do sistema de formação de professores no Brasil. O artigo dedica-se a compreensão de como as políticas docentes procuram se imprimir nos processos de trabalho. Como tal situa-se no conjunto das reflexões voltadas para preocupações com as condições sociais de existência humana diante aos rumos do desenvolvimento brasileiro. De um modo mais específico, essa investigação está alocada no referencial teórico-metodológico da dialética para designar a conclusão de uma posição epistemológica sobre as condições do desenvolvimento humano, atrela-se ao campo dos estudos do trabalho sobre formação de professores. Assim, a pesquisa com o trabalho do professor tem por objetivo analisar as diferenças e as razões dessas diferenças na atuação desse profissional. Além disso, como conclusão, é importante salientar que os resultados mostram, nas entrevistas realizadas, a necessidade de compreensão das noções de gênero apresentadas por Bakhtin (1997) e de atividade de Clot (2007) e Machado (2007), quanto ao desenvolvimento de uma metodologia de análise do trabalho do professor.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; atividade, trabalho do professor.

ABSTRACT: The present article is constituted as product of an investigation that takes the sociological function of the teachers' work as object understood as concept of the changes promoted by the reform of the system of teachers' formation in Brazil. The article is devoted the understanding of as the educational politics they try to print in the work processes. As such he/she locates in the group of the reflections returned before for concerns with the social conditions of human existence to the directions of the Brazilian development. In a more specific way, that investigation is allocated in the theoretical-methodological referencial of the dialectics to designate the conclusion of a position epistemológica about the conditions of the human development, it is harnessed to the field of the

¹ Pós-Doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - LAEL. Professor Associado, Unioeste - Campus de Cascavel, PR. E-mail: wanderac@hotmail.com



studies of the work about teachers' formation. Like this, the research with the teacher's work has for objective to analyze the differences and the reasons of those differences in that professional's performance. Besides, as conclusion, it is important to point out that the results show, in the accomplished interviews, the need of understanding of the gender notions presented by Bakhtin (1997) and of activity of Clot (2007) and Machado (2007), as for the development of a methodology of analysis of the teacher's work.

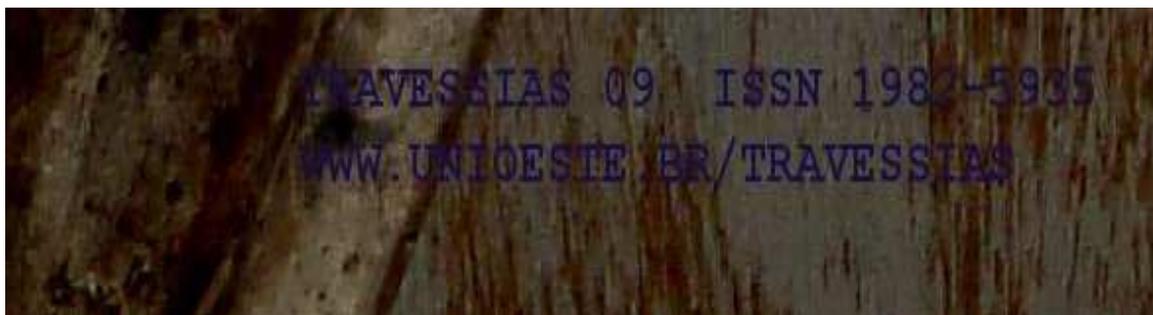
KEY-WORD: gender; activity, the teacher's work.

Introdução

Intitulado *A sobre a questão entre Discurso e Trabalho*, o artigo tem como eixo de análise “a questão entre o mundo discursivo, ou mundos discursivos” (Bronckart: 2006, 171) e a mane ira encontrada pelo modo de produção capitalista para enfrentar as contradições do avanço e desenvolvimento das forças produtivas com destaque às estratégias ideológicas montadas pelo Estado, que em última instância, contribuem para a agudização da reprodução das desigualdades sociais.

Na direção em que a temática acima referida se inscreve, compreende-se que as reformas educacionais dos anos de 1990, que trazem como insígnia a noção de formação docente, procuram cumprir tarefas voltadas para a manutenção da ordem, uma vez que tais reformas são fundamentalmente originárias de um movimento voltado para a implementação de políticas sociais que pretendem impedir toda e qualquer manifestação social que possa pôr em risco à ordem.

Assim, o Estado é aqui compreendido como gerenciador dos interesses do capital, de modo a assegurar o desenvolvimento econômico e, cuja via central vem sendo a aposta na implementação de políticas sociais. Dessa forma, a análise do discurso sobre política de formação tem como prioridade a análise referendada no interacionismo sociodiscursivo (ISD), pois “trata-se de demonstrar, em relação à (...) linguagem, que é na e pela mediação social que se constroem as regularidades constitutivas dos esquemas de ação” (Bronckart: 2006, 53) e que no caso das políticas educativas, “as idéias se explicam por outras idéias” (Bronckart: 2006, 31) e ao tomar a formação docente como espinha dorsal das políticas formativas, sugere a possibilidade de combate à pobreza através daquilo que se pode denominar de prática educativa formativa.

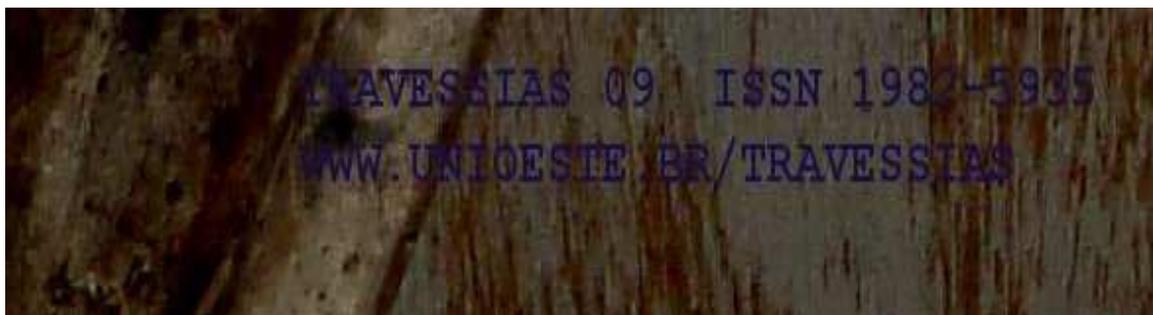


No circuito deste intento observa-se que o que ocorre verdadeiramente é o plantio de novas ilusões para uma dita nova sociedade ancorada na defesa do velho princípio da desigualdade natural entre os homens e cuja histórica emancipação prometida, inicialmente centrada na dimensão política, agora se desloca para a promessa de emancipação e desenvolvimento humano.

O artigo toma como objeto as políticas de formação docente com atenção ao paradigma epistemológico que as orienta – o pragmatismo - procurando-se compreendê-las na “ação, no discurso e na cognição” (Bronckart: 2006, 80), numa perspectiva do interacionismo sociodiscursivo (ISD), a partir das bases teóricas e legais que as estruturam em face aos argumentos que as justificam, ou seja, “uma etapa fundamental da ontogênese, no sentido de que ela torna possível o desenvolvimento do pensamento” (Bronckart: 2006, 89), que definimos como concreto. Trata-se de, com isso, considerar que a sustentação da defesa das políticas de formação de docentes e de gestores para a educação, preconizadas pela reforma do ensino no Brasil, se encontram situadas no âmbito das políticas públicas que, no limite, procuram perenizar o atual modelo.

Políticas essas engendradas em consonância com a necessidade de reestruturação do sistema. Enfim, recebe destaque e atenção especial a formação docente e a gestão educacional, focos da preocupação alicerçados na noção de formação. A primeira “se relaciona com o estatuto do signo, de sua identidade como fato psíquico-mental, indissociável” (Bronckart: 2006, 107). Já a segunda tem como parâmetro principal a base dessa análise, ou seja, “os efeitos que exercem os signos” (Bronckart: 2006, 112). Noção esta que aparece imbricada em projetos educacionais nacionais e internacionais.

Levando-se em conta que as políticas de formação têm como recurso teórico o pragmatismo, “um dos nossos objetivos iniciais é colocar em evidência o conjunto das relações de interdependência existente entre os textos e as ações” (Bronckart: 2006, 165), de maneira que as políticas buscam qualificar os professores a partir de um caráter formativo e através de diversos modos de formar - formação inicial, programas de desenvolvimento educacional, programas de formação continuada, cursos de formação à distância, programas e cursos de formação de gestores educacionais - “postulamos um outro nível de organização, lingüístico, no caso, a não ser que se considere que a linguagem não é nada mais que um amontoado de frases” (Bronckart: 2006, 171), o que imprime às políticas de formação um caráter essencialmente técnico e não teórico, “no que diz respeito ao nível

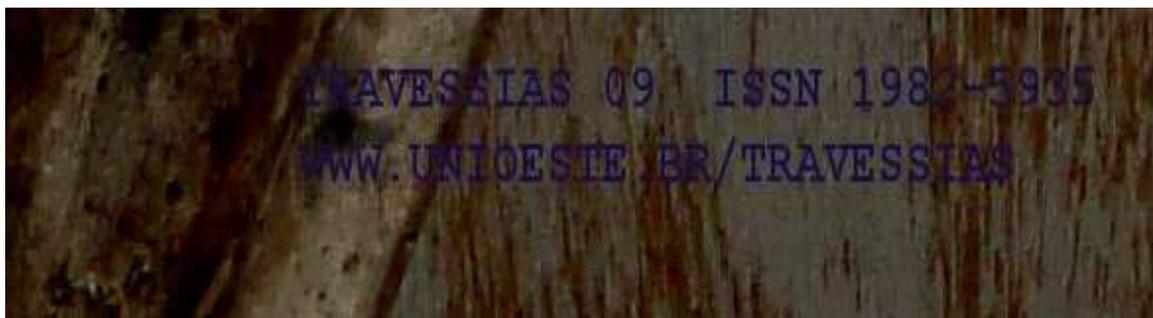


dos discursos, tentamos, em primeiro lugar, delimitar os segmentos dependentes dos tipos ideais; em seguida, analisamos as eventuais ocorrências de misturas de tipo, de interdependência/contaminação de tipos ou ainda de mascaramento interno de tipos” (Bronckart: 2006, 173). Dessa forma, tomamos como questão de pesquisa a seguinte indagação: em que medida esse caráter formativo se imprime nos modos de formar?

Esses mecanismos podem ser identificados nos modos de formar os docentes pois, “ao se separarem do domínio da intervenção, as ciências fundamentais também operaram uma redução drástica de seu próprio objeto: deliberadamente, excluíram as dimensões teleológicas, intencionais e motivacionais do *agir humano no mundo*” (Bronckart:2066, 235, grifo do autor), a medida que levamos em conta que o aporte teórico que os orienta está ancorado em “conhecimentos disponíveis no agente e se constituem, então, como uma *base de orientação*, a partir da qual ele vai *adotar* um modelo de gênero que lhe parecer pertinente” (Bronckart:2066, 251, grifos do autor), de mais a mais, o pragmatismo ancora-se numa epistemologia que, ao defender o primado da prática, acaba por negar seu próprio fundamento, valor e poder teórico.

Desse modo, tais mecanismos inviabilizam a impressão do caráter formador recomendado pelas políticas de formação porque o cerne da formação docente, está na “relação que há entre essa forma de explicação ‘oficiosa’ e as duas formas ‘oficiais’ ” (Bronckart: 2066, 46). O que ocorre de fato é uma qualificação que, restrita a uma espécie de capacitação, limita a ação educativa a uma perspectiva técnica e sem que as características formativas necessariamente se objetivem. Ou seja, sem que o caráter formativo se imprima no processo de formação uma vez que os instrumentos teóricos necessários para a aquisição desse perfil não são apropriados pelos docentes.

Daí entendermos que as políticas de formação docente voltam-se bem mais para o cumprimento de um papel ideológico do que para um efetivo interesse em formar o professor, assim, “os primeiros são unidades comunicativas globais, articuladas a um agir de linguagem, ao passo que os segundos são unidades lingüísticas infra-ordenadas” (Bronckart: 2066, 150/1). Já os modos de formar se tornam medidas insuficientes para atingir o perfil de professor almejado, posto que o fundamento epistemológico que estruturam tais políticas refuta um dos elementos fundamentais de toda reflexão e



ação epistemológica: a teoria. O que, em última instância, acaba por neutralizar aquilo que as próprias políticas em sua totalidade elaboram, preconizam e ofertam.

Mediante a este contexto, o presente artigo busca a compreensão de como o caráter formativo das políticas de formação procura se imprimir nos modos de formar, levando em conta que o campo teórico é excluído da dinâmica de qualificação docente.

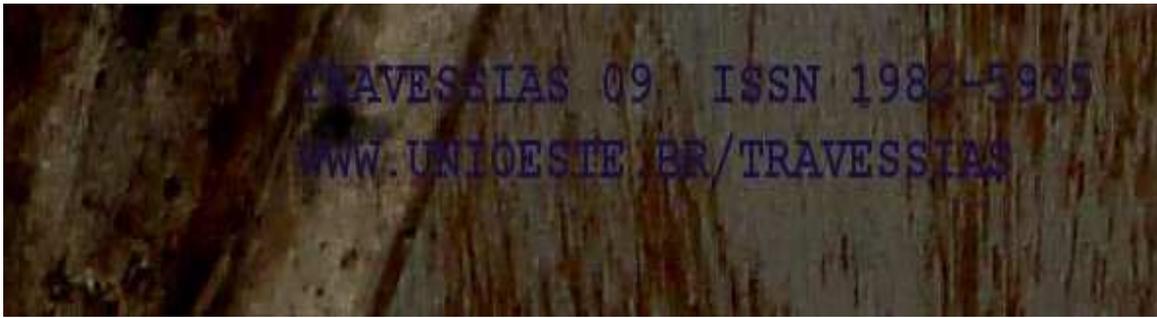
1) A Categoria do Trabalho

Ao lidar com o papel do trabalho na sociedade contemporânea, é imprescindível atentar para a configuração da sociabilidade humana e definir os limites e avanços do capitalismo atual. A questão a ser pensada é: como a análise da categoria do trabalho, centrada na Dialética de Marx, pode ser aprofundada tendo como material empírico o trabalho docente?

Primeiramente é preciso conceituar o trabalho dentro do panorama teórico e seu significado para a Sociologia. Um dos primeiros a analisar o problema foi sem dúvida, Émile Durkheim. Segundo Durkheim², o pesquisador tem de utilizar o seu saber de forma objetiva e assim definir o que seja a divisão do trabalho. A simples condição de observador não é o mais importante. É preciso desenvolver o conceito e o conteúdo do que possa ser a divisão do trabalho. Assim, o pesquisador tem de entender que está tratando-a como um fato objetivo e como tal a explicação está centrada na objetivação do que é ordem social e coesão. O que isso representa?

Para Durkheim, o trabalho revela um caráter de anomia ou coesão com um possível caos social em razão do aparecimento da industrialização. Na sociedade industrial, capitalista, surge então, uma solidariedade entre seus membros que advém dessa divisão do trabalho. Dessa forma, é necessário

² DURKHEIM, Émile. Da divisão social do trabalho. In: GIANOTTI, José. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1978.



definir qual o alcance dessa solidariedade na coesão geral dos indivíduos na sociedade e também, se ela é imprescindível na definição de que seja fato social.

Uma segunda vertente sociológica, centrada em Max Weber³, conceitua a categoria trabalho como sendo medular na composição social, ou seja, a sociedade é um complexo de várias partes e é dependente dos indivíduos em sua formação.

Weber define então, que as relações sociais, focadas nesses indivíduos teriam uma lógica aproximativa entre o produto de suas ações sociais. A questão resume-se em quatro pontos: 1) ação social orientada a fins; 2) ação social racional orientada a valores; 3) ação social afetiva e 4) ação social tradicional.

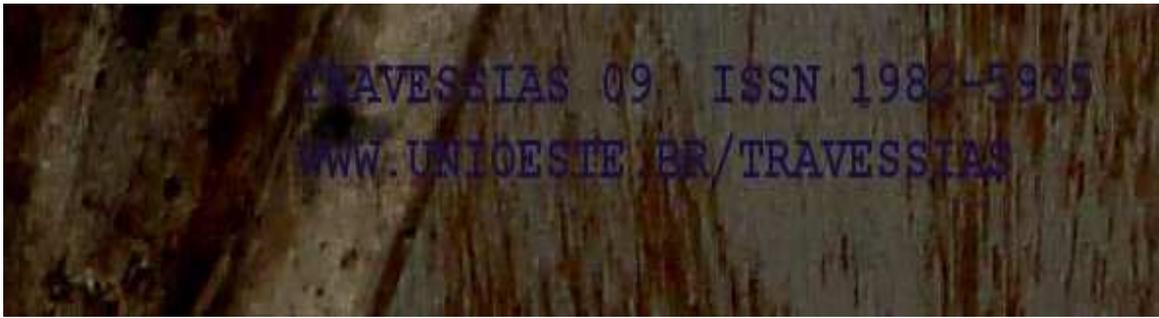
A composição social advinda do trabalho caracteriza, assim, a sociedade como um todo e impregna seus valores a tudo que diz respeito à constituição legal, à sua manifestação religiosa, enfim, aos seus aspectos culturais, burocráticos e administrativos. É a integração entre o capitalismo e a ética cristã protestante.

Já a vertente sociológica ancorada na dialética em Marx, pondera que o trabalho na sociedade industrial está centrado no conflito e que a diferença entre os sujeitos sociais está na posição que cada um desempenha no processo de produção e em especial na relação entre propriedade do capital e trabalho. A localização dos sujeitos sociais está determinada de forma desigual na base da vida social e que as classes sociais atribuem um sentido ao lócus de produção, onde burgueses e proletários buscam estabelecer uma relação entre posse, forças produtivas e trabalho.

Para ele, a questão preponderante está no estabelecimento da

Unidade do trabalho e do capital de diversas formas: 1) o capital é *trabalho acumulado*; 2) a determinação do capital no interior da produção, em parte a reprodução do capital com ganho, em parte o capital como matéria-prima (matéria do trabalho), em parte como *instrumento que trabalha* por si mesmo – a máquina é o capital posto imediatamente como

³ WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Lisboa, Editorial Presença, 1980.



idêntico ao trabalho – é o *trabalho produtivo*; 3) o operário é um capital; 4) o salário faz parte dos custos do capital; 5) no que diz respeito ao operário, o trabalho é a reprodução do seu capital vital; 6) no que diz respeito ao capitalista, é um fator de atividade do seu capital (Marx, 1978: 20 – grifos do autor).

É interessante notar que o conceito *trabalho* foi substituído por Marx pelo conceito *força de trabalho*⁴ e que adoto a partir de agora o mesmo procedimento.

A respeito da *essência da divisão do trabalho* – que naturalmente teria que ser considerada como o motor principal da produção da riqueza –, tão logo se reconhecesse o *trabalho* como a *essência da propriedade privada* – isto é, a respeito desta *figura alienada e albeada da atividade humana como atividade genérica* (Marx, 1978: 24 – grifos do autor).

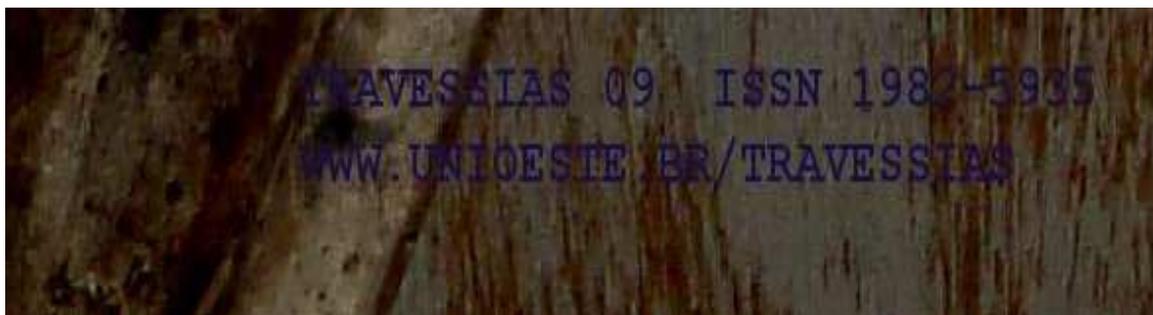
O intercâmbio estabelecido entre dois proprietários, o capitalista e o trabalhador, é parte integrante do sistema capitalista. O trabalhador aparece como proprietário de sua força de trabalho, uma mercadoria, que não pode permanecer como algo fora de si e que é característico à sua corporeidade.

El trabajo que se contrapone al capital es trabajo *ajeno*, y el capital que se enfrenta al trabajo es capital *ajeno*. Los extremos aquí confrontados son *específicamente* diferentes. En la primera creación del valor de cambio, el trabajo estaba determinado de tal modo que el producto no constituía un valor de uso directo para el trabajador, no era directamente un medio de subsistencia (Marx, 1989: 207 – grifos do autor).

O mais interessante desse intercâmbio é que o trabalhador permanece sendo dono de sua força de trabalho, transferindo ao capital apenas um controle transitivo sobre ela.

Lo que intercambia con el capital es toda su capacidad de trabajo, que gasta ... en 20 años. En lugar de pagársela de una sola vez, el capital lo hace por dosis, a medida que el obrero la pone a su disposición, digamos semanalmente. Esto no modifica para nada la naturaleza de la relación, ni justifica, aun menos, la conclusión según la cual, por tener que dormir el obrero 10 a 12 horas antes de estar en condiciones de reiniciar su trabajo y su intercambio con el capital, el trabajo constituye *su capital* (Marx, 1989: 233 – grifos do autor).

⁴ MARX, Karl. Contribuição à Crítica da Economia Política. São Paulo, 1977: 320.



A interrogação mais próxima de análise é que a questão do trabalho passa sempre pela relação com o capital. Assim, a proximidade mais aparente é em razão de que os donos do capital exploram os trabalhadores e isso é regulado pelo fato de as atividades do trabalho implementam uma lucratividade para os burgueses. O importante é ressaltar que a força de trabalho ao ter sido comprada pelo dono do capital gera sempre um *valor* sempre maior que a soma dos custos finais da produção no pagamento dos salários. Esse valor é a *mais-valia*.

Acontece que nos últimos trinta anos, em especial no Brasil, o mundo do trabalho está em constante transformação e isso tem suscitado um significativo debate sobre a centralidade do trabalho nos dias atuais. Pode parecer muito fora de lugar comentar sobre essa questão, mas independente de ser uma característica do novo século, as transformações não acontecem somente nas relações do mundo do trabalho e como um processo de capilaridade intenso ocorrem também nas relações sociais.

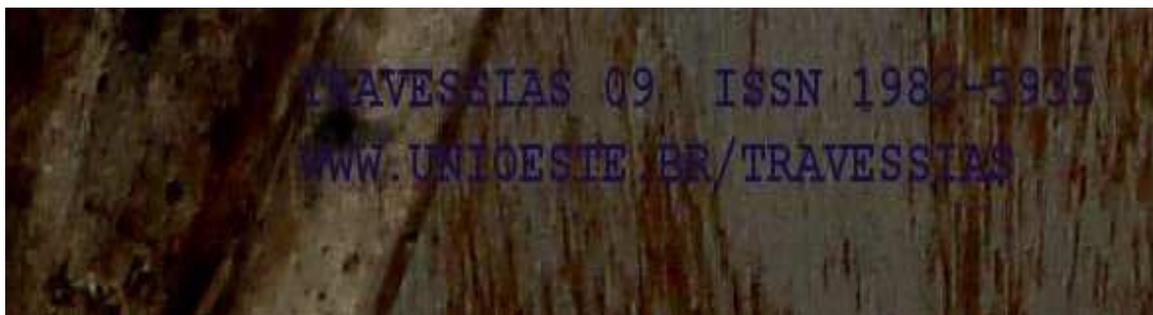
O que podemos afirmar é que essas questões são parte de um processo que é sócio-histórico. Em pesquisas anteriores, já expusemos nosso ponto de vista sobre esse fenômeno (Camargo: 2001; 2002; 2003; 2006), e entendemos que o mundo do trabalho passa por um atrelamento ao capital e isso produz um ciclo de dinâmicas importantes nas relações sociais e produtivas e são distintas das que já tivemos em épocas anteriores.

Essa tendência atual demanda fundamentalmente para a diminuição drástica do emprego assalariado e da estabilidade, aumento do desemprego e da precarização do trabalho e na perda da conexão social (crise capitalista nos países centrais e no Brasil), com uma carga emocional para os trabalhadores muito grande.

Para o dono do capital, na compra da força de trabalho tanto faz se ela é para a feitura de um computador ou uma aula, o que está em pauta é que a compra é sempre em função da produção de uma determinada mercadoria. Isso tudo para o professor, enquanto um trabalhador em constante qualificação profissional é sumamente prejudicial.

2) As dimensões do social na profissão

Assim, é mister ter como parâmetro de análise um referencial ativo que esteja disponibilizado ao professor. O gênero textual mais aplicável para isso é aquele que atente às características mais



específicas do texto. Assim, a proposta de reflexão sobre a instância de texto do professor, passa necessariamente pelo adequado viés do interacionismo sociodiscursivo (doravante ISD).

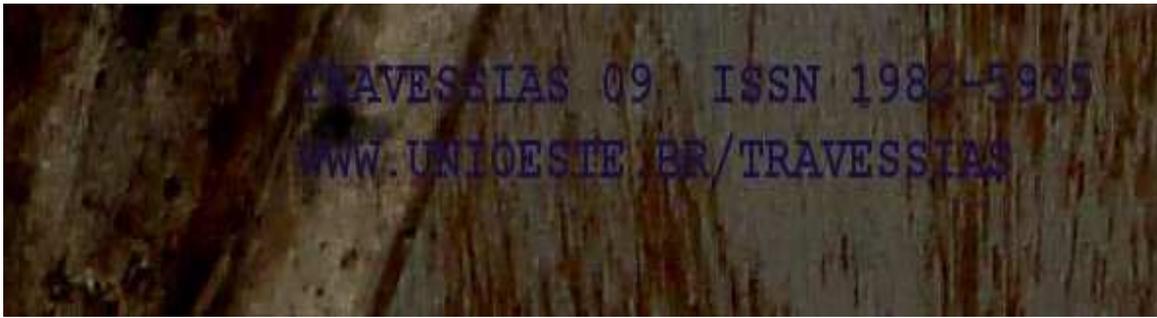
O campo de pesquisa sobre o trabalho do professor é relativamente novo e tem sido um dos objetivos principais dos grupos de pesquisa do ISD, os quais tem sido os precursores das pesquisas nessa área no exterior e no Brasil. Em Genebra está o GROUPE LAF (Language-Action Fomation), coordenado por Jean-Paul Bronckart. No Brasil essas pesquisas têm sido desenvolvidas a partir do grupo ALTER (Grupo Análise de Linguagem, Trabalho e Educação)⁵, do grupo ATELIER-Linguagem e Trabalho, ambos da PUC/SP e o grupo Linguagem e Educação⁶ da UEL (Universidade Estadual de Londrina). Há também o GRUPO ERGAPE (Ergonomie de l'Activité dès Professionnel de l'Education) de Marseilles. Esses grupos utilizam-se dos aportes das Ciências do Trabalho, principalmente da ergonomia.

O interessante de todo esse processo é que as pesquisas necessitaram de um aporte mais amplo, ou seja, a análise da linguagem, pois a perspectiva era de o trabalhador atuar em conformidade com a nova situação de produção. Ele é um sujeito em comunicação direta com a realidade de trabalho e ele pode assim, falar, manifestar, representar e acima de tudo colaborar. Surge então a premência de buscar a participação de profissionais de outras disciplinas, inclusive da lingüística, na tentativa de ampliar a compreensão da linguagem na situação de trabalho.

Isso começou a mudar quando o trabalho docente passou a ser foco de pesquisas, porém, Bronckart (2006), afirma que o trabalho do professor não era reputado como um trabalho estritamente produtivo, pois a atividade para (Marx, 1989), não estava relacionada à produção de bens materiais. E isso só foi possível graças às alterações no mundo do trabalho, pois o trabalho intelectual passou a ser mais valorizado no universo da produção.

⁵ Coordenado pela prof. Dra. Ana Raquel Machado.

⁶ Coordenado pela prof. Dra. Vera Lucia Lopes Cristovão.



Assim, é necessário fazermos um resgate do processo de construção desse campo de atuação do trabalho do professor e isso foi possibilitado por Machado (2007) ao historicizar a insatisfação de pesquisadores franceses da década de quarenta do século passado, sobre o trabalho com as teorias e as práticas derivadas do taylorismo e do fordismo dos Estados Unidos da América (USA).

As pesquisas norte-americanas do trabalho tinham como foco a busca pela adaptação do homem ao processo produtivo e isso foi reformulado pelas pesquisas francesas, onde o foco passou a ser no aperfeiçoamento das condições de trabalho dos trabalhadores. Ainda, o processo de produção adotado pelo modelo taylorista/fordista ocasionava aos trabalhadores um forte dano no aspecto físico, mental e emocional.

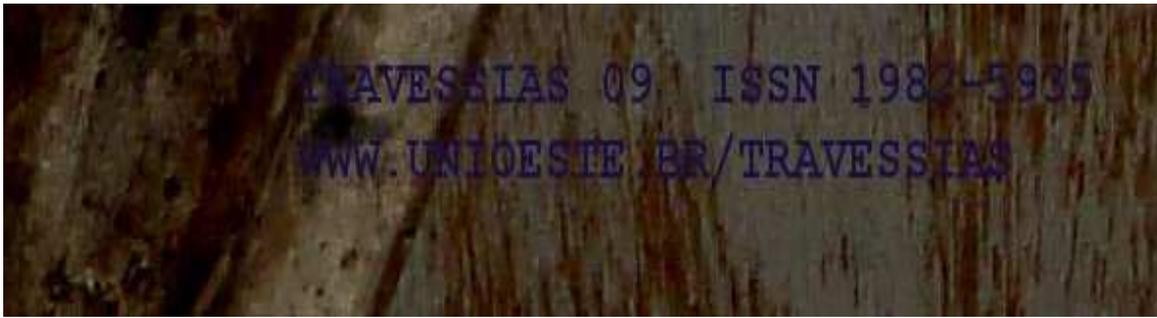
Segundo Machado (2007), era justamente isso que as pesquisas francesas tinham em mente, ou seja, a pesquisa centrada em uma análise da atividade humana em situação de trabalho. O construto teórico utilizado por esses grupos de pesquisa tem sido a contribuição das Ciências do Trabalho, com ênfase na Ergonomia de vertente francesa.

Pode-se dizer que a ergonomia francesa ganhou seu maior impulso em uma contraposição ao taylorismo, com inúmeras pesquisas demonstrando como o objetivo taylorista de se prescrever as tarefas dos trabalhadores em seus mínimos detalhes era totalmente inexequível, dada a inevitável distância entre a prescrição e a atividade real do trabalhador (Machado, 2007: 86).

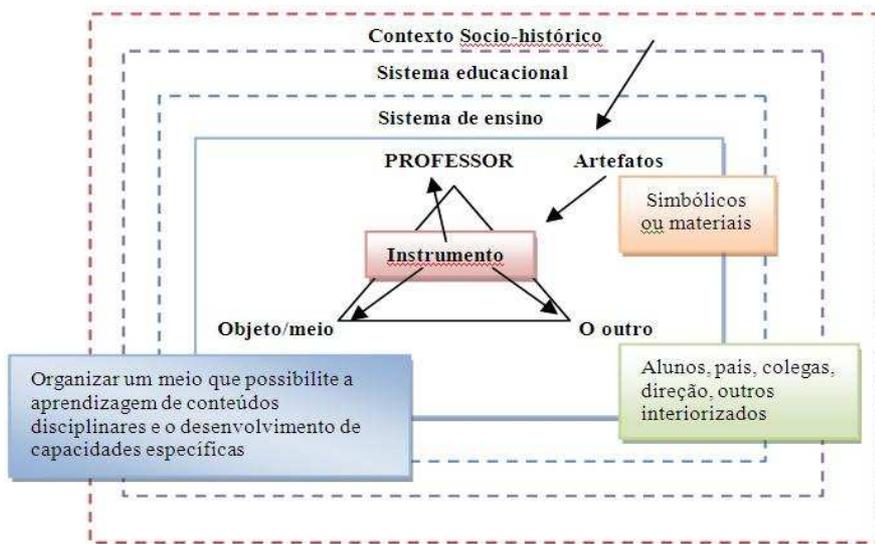
Foi em relação a este tipo de abordagem que a Ergonomia firmou-se como um aporte teórico fundamental para conhecer o ser humano na sua mais importante ocupação, ou seja, na prática de uma ação que comporta o trabalho, enquanto transformação e atividade.

Foi nesse contexto que se construíram duas noções centrais da ergonomia francesa: a de “trabalho prescrito” e a de “trabalho realizado”, que até hoje têm sido muito produtivas para as pesquisas, mesmo que reelaboradas, passando-se a considerar o trabalhador como um verdadeiro ator e não como um mero executor das prescrições (Machado, 2007: 86).

Para entender o trabalho do professor é necessário perceber que o seu trabalho é uma atividade pessoal, mas não isolada, é única e é também ampla. Podemos verificar segundo a figura abaixo, (Machado, 2007: 92), que a atividade do professor perpassa por relações sociais onde o contexto é determinadamente social, apesar de situar-se conjunto de ações específicas, ou seja, envolve a



totalidade das dimensões do trabalhador (físicas, mentais, práticas, emocionais etc.); e é amplamente interacional.

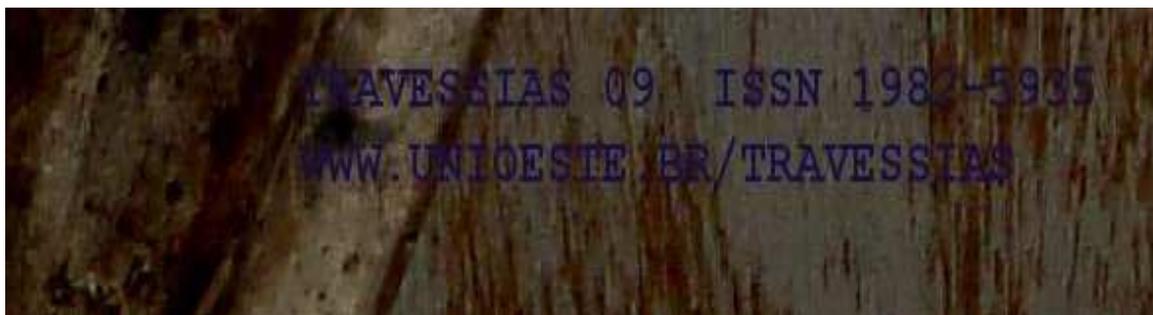


Dessa forma, o professor ao agir sobre o meio, o transforma e é por ele transformado.

Além disso, observe-se que, ao considerarmos que o objeto é, de fato, criar um meio propício para a aprendizagem de conteúdos específicos das diferentes disciplinas e o desenvolvimento de capacidades específicas, não podemos dizer que o trabalho docente se limita aos limites da sala de aula, pois o processo de planejamento e o de avaliação são fases essenciais para essa criação (Machado, 2007: 93).

Enfim, para os estudiosos a questão básica é que o trabalho deve ter como ponto de análise a reformulação da questão da subjetividade e isso só pode acontecer se o conceito de atividade também mudar. Para Clot (2007), “o trabalho não é uma atividade entre outras. Exerce na vida pessoal uma função específica que se deve chegar a definir. E isso, precisamente, em virtude do fato de ser ele uma *atividade dirigida*” (grifos do autor: 12/13).

De acordo com Clot (2007), a atividade é uma demonstração subjetiva na qual mensuramos a nós mesmos e aos outros. Assim, o ato de se posicionar dessa maneira envolve uma reflexão entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, tornada parte importante na reconstrução dos sentidos na edificação da atividade. O autor chama a atenção para o fato de que é necessário contrapor-nos ao real



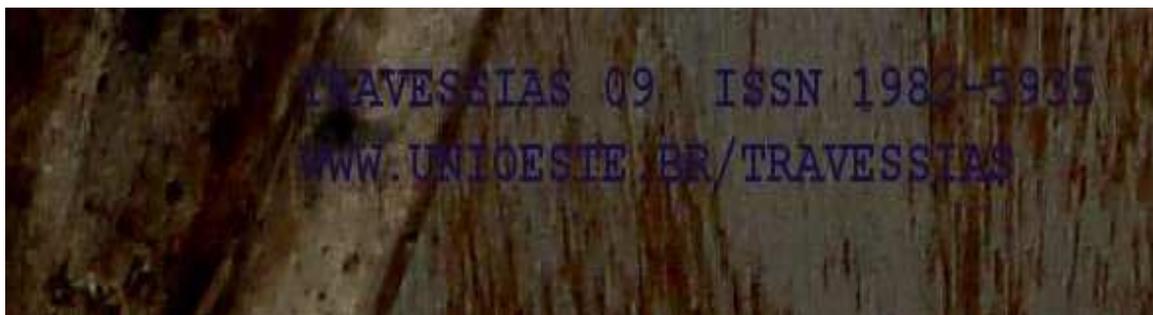
para ter a oportunidade de realizar o que deve ser feito: as atividades suspensas, impedidas, ou mesmo, contrariadas e suas contra-atividades devem ser admitidas na análise.

A grande questão, então, é de que forma o trabalho de um professor de uma escola, no caso uma Universidade Pública no oeste do estado do Paraná, percebe seu trabalho no cotidiano mais imediato. A pesquisa não é pautada na observação do trabalho do professor em sala de aula, nas prescrições das entidades empregadoras, nas prescrições governamentais e nem nas reuniões avaliativas dos grupos de professores (departamentais, colegiadas, sindicais, etc.). Para tanto, ver as pesquisas de Bronckart & Machado (2004, 2005); Machado (2007); Corrêa (2007); Abreu-Tardelli (2006); Machado & Cristovão (2005); Lousada (2006) e Mazzillo (2006).

Ela está centrada na observação da informalidade presente nos intervalos entre seus compromissos profissionais na Instituição, ou seja, nos corredores, no cafezinho, nos bate-papos entre uma aula e outra, ou mesmo no final do expediente. Como já dissemos, o trabalho do professor é extremamente individual, isolado. É ele quem estuda e prepara as aulas, aplica provas, corrige os trabalhos e provas, atende e orienta os alunos, enfim, trabalha. Sociologicamente ele é um trabalhador, mas seu cotidiano é muito próximo do mestre artesão. Como ele se comporta ideologicamente? É uma pergunta que só poderá ser respondida em outro contexto.

Durante as observações e nas conversas informais com outros professores, verificamos que os mesmos tinham como maior empecilho ao seu trabalho alguns itens importantes, ou seja: 1) o preenchimento de formulários eletrônicos de difícil manuseio, por ex. Currículo Lattes; 2) leitura e resposta diária de e-mails institucionais; 3) baixa qualidade dos alunos exemplificada nos trabalhos apresentados; 4) prazo exíguo do mestrado e doutorado no modelo atual de qualificação; 5) reuniões institucionais maçantes; 6) excesso de burocracia; 7) a falta de bibliografia recente na biblioteca; 8) falta de espaço para a preparação de aulas na Universidade; 9) falta de computadores para cada professor; 10) a não existência de sala para cada professor atender seus orientandos; e 11) sensação de que o seu trabalho está “doente”.

Para uma grande parte dos professores, o seu trabalho representa acima de tudo uma realização pessoal intransferível. A relação com o mundo e a sustentabilidade perante a continuidade de sua vida está no seu salário, e isso pode ser comprometido se ao invés de realização vier a sensação de



ansiedade, insegurança e decepções. Isso ganha todo um propósito quando abrangida no painel das reformas neoliberais empreendidas nos anos 90 do século passado no Brasil, nelas incluídas as reformas do sistema educacional.

É precisamente em razão do fato de que a vida diferenciou suas inserções, em virtude do recuo da mono-atividade e dos progressos da contingência biográfica, que o trabalho se acha de tal maneira investido pelos sujeitos. Eles requerem dele muito mais do que antes. Em particular, que ele seja um meio de realização de todas as vidas que julgam merecer. Mas também um meio de invenção dessas vidas (Clot, 2007: 73).

De acordo com Clot (2007), para entender esses conflitos entre o trabalhador e a sua atividade profissional é necessário investir no sujeito social. E isso só é possível se olharmos o trabalho com olhos novos.

3) O trabalho do professor

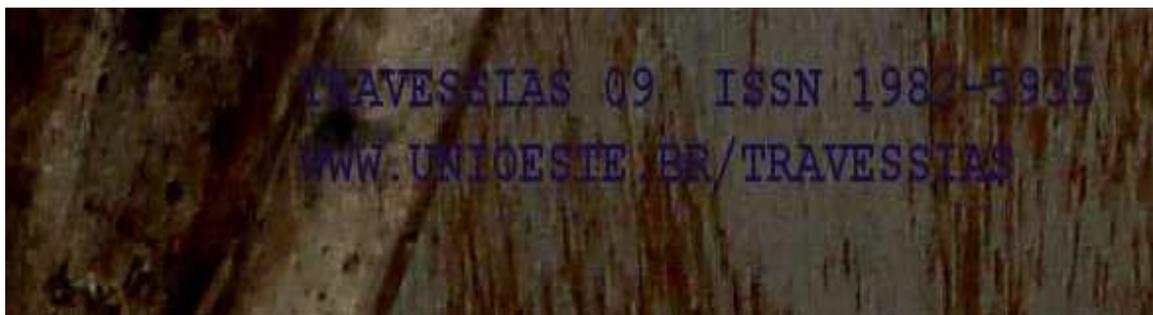
É necessário que o trabalho do professor deve ser compreendido como sendo uma apreensão efetuada pelos sentidos desse profissional em relação ao universo de seu *métier*.

A profissão de professor revela instantes muito interessantes, entre eu e os alunos, né! Existe toda uma interação com eles, várias coisas positivas e que não dá de deixar de apontar e uma delas é justamente essa interação, uma via de duas mãos. Tem toda uma valorização de seu trabalho e apesar de toda desvalorização, o saber técnico sendo mais realçado que o saber intelectual, o professor ainda é alguém que leu muitas coisas e por isso é depositado nele muitas expectativas. O nosso mercado de trabalho é algo que vai além da sala de aula e da escola. (Professor Protógens)

Para que isso ocorra é necessário que o professor possua uma autoridade consistente do conteúdo aplicado em sala de aula, bem como uma visão geral do programa ofertado, só assim terá possibilidades de aplicar seu conhecimento com tranquilidade a seus alunos.

Assim, o trabalho docente, [...], consiste em uma mobilização, pelo professor, de seu ser integral, em diferentes situações – de planejamento, de aula, de avaliação –, com o objetivo de criar um meio que possibilite aos alunos a aprendizagem de um conjunto de conteúdos de sua disciplina e o desenvolvimento de capacidades específicas relacionadas a esses conteúdos, orientando-se por um projeto de ensino que lhe é prescrito por diferentes instâncias superiores (Machado. In: Guimarães et al, 2007: 93).

Dessa forma, as variáveis necessárias da vida social, da relação cultural e dos processos econômicos acham-se especificamente relatadas com as habilidades adquiridas no dia-a-dia do seu trabalho. E é importante destacar que sendo um ator, estará representando um papel onde a questão



primordial é o cotejo entre sua intelectualidade e sua especialidade, ou seja, o movimento dialético entre a emoção e o conhecimento racional.

Assim, a compreensão do trabalho do professor tem de ser percebido na dimensão de um fato social, que une as duas pontas de um conjunto de práticas profissionais onde o domínio da autoridade se dá na produção e na circulação da propriedade econômica e cultural. Isso só é possível através de um conjunto de instituições que também detêm uma linguagem própria, ou seja, a escola e suas salas de aula.

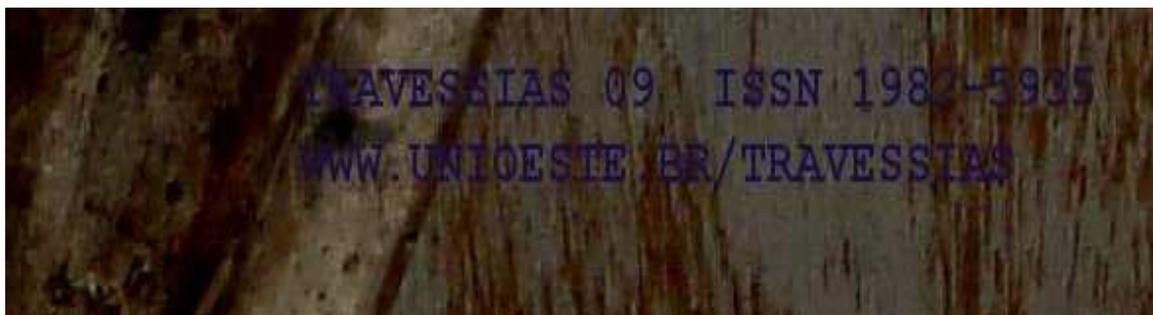
O trabalho do professor tem de ser analisado enquanto uma manifestação discursiva e, também, na notável maneira de como é produzido à relação entre o seu saber e o seu trabalho. O exercício de uma idoneidade técnica exerce-se numa idoneidade social reconhecida na identificação do locutor legítimo, autorizado a falar e a falar com autoridade.

Essa manifestação discursiva do trabalho do professor é acomodada de maneira que o propósito simbólico se manifesta como um jogo objetivo, onde as qualidades diferenciativas entre os vários personagens, no caso os professores, são veiculados de maneira desigual. Isso só é possível graças ao acesso que entre eles se estabelece e não só entre os professores, mas também, e, sobretudo entre os alunos.

Essa imensa possibilidade de intercâmbio é acompanhada, porém, por uma abundância de trocas e formações situadas numa sociedade estruturada pela lógica das distinções desiguais.

Os conhecimentos, ou saberes, dos professores desfrutam de uma forma e de uma ação recíproca entre o agir e o valor atribuído socialmente para a educação. Isso ocorre principalmente porque esses conhecimentos estão investidos de conteúdos que se atravessam singularmente, mas que operacionalizam o real como categorias unitárias no curso da aprendizagem, facilitando o aprendizado aos alunos.

Porém, é conveniente afirmar que a facilitação do aprendizado traz consigo uma inevitável ocorrência que é justamente a disjunção do conhecimento, em especial nas disciplinas das Ciências Humanas. A separação só ocorre em razão do afastamento do conhecimento intelectual e a sobrevalorização dos saberes técnicos.



Para o professor é deveras importante caminhar com seus próprios pés, pois somente ele, como trabalhador, sabe a necessidade de ser produtor e ator do seu contexto, seja em sala de aula, ou chão de sala, seja nos seus próprios textos, ou naqueles por ele estudados. E isso só pode se dar em uma forte composição dialógica de relações sociais, materializada na Linguagem ou em um adequado ambiente de criação ideológica.

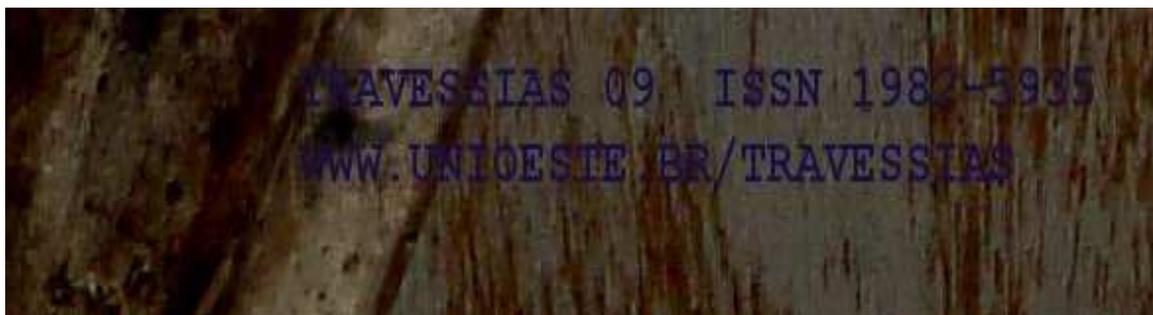
O texto do professor não pode ser analisado fora da sociedade, ele só tem razão de existência dentro dela e com a determinação de ser para ela. O seu texto não deve ser restringido a uma materialidade lingüística (empirismo objetivo) ou ser subjugado às esferas psíquicas daqueles que o julgam (empirismo subjetivo).

Se a linguagem é um instrumento de comunicação, o pensamento e as formalizações desse processo são sentidos compostos pela criação ideológica dos textos. Então é justo dizer que o professor, enquanto um sujeito social deverá evidenciar o seu pertencimento à classe dos trabalhadores em ensino e refratar o diálogo circundante no seu ambiente social. Mas nem sempre isso é possibilitado pelo espaço profissional.

Muitas vezes, os professores em sua linguagem mais cotidiana relatam os acontecimentos marcantes na sua aventura profissional, ou seja, a importância pública, a veneração ao seu conhecimento intelectual e por que não, à significação social do seu trabalho.

A questão do construto teórico está centrada na produção do gênero textual, seja ele oral ou escrito, e dessa maneira o discurso dos professores possui uma estrutura dialógica onde a linguagem revela os mais variados recursos de expressão. A manifestação ou interação do discurso com a prática profissional torna possível o uso de recursos mais diversos, ou seja, sentimentos, frustrações, certezas, desejos e, sobretudo a ampliação da visão de mundo.

Acrescente-se a isso a intensificação dos processos de trabalho e os inerentes dilemas do mundo do trabalho, o que acarreta ao professor uma grande responsabilidade, afetando seu cotidiano, pois as exigências são múltiplas em busca de um desempenho que sempre exigirá uma constante atualização e excelência docente, com a aquisição perene de novos conhecimentos nesse processo intenso de transformação.



O professor ao chamar para si a responsabilidade de ser executor do conjunto educativo, não distingue qual a real função exercida por ele, pois assume as duas coisas como sendo naturais, ou seja, a do intelectual orgânico e o responsável pela formação de seus alunos, o que vem a ser um saber extremamente técnico, dado ao atual processo de divisão da força de trabalho.

A essas tarefas especializadas, pela divisão do trabalho, pela miudeza, pela ausência de aprendizagem, que as caracterizam. [...] afluem o mal-estar, a amargura: trata-se de tarefas que não é preciso aprender, que qualquer um preparado em poucos dias, a miúdo mesmo em poucas horas, pode executar. (FRIEDMAN, 1972, p. 59).

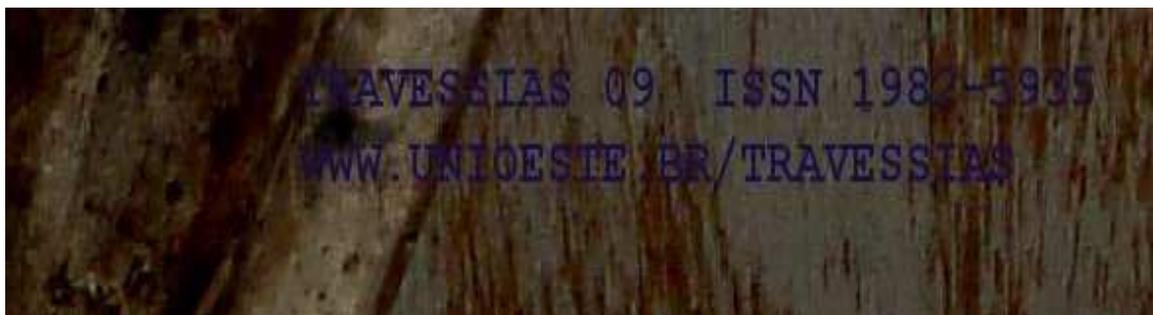
Surgem então, para o professor, os sinais característicos de profundo estranhamento em relação ao seu trabalho, ou seja, as doenças profissionais. Atualmente é comum verificar que o professor sofre com a depressão, taquicardia, estresse, síndromes diversas, hipertensão, etc. Ele experimenta a sensação de ter o seu trabalho avaliado, não mais por sua habilidade em lidar com outros seres humanos, mas pela dimensão de julgamento que lhe imposto por órgãos externos à escola. O capitalismo gradativamente toma posse do tempo, do espaço e da subjetividade humana.

Para o professor é muito complicado perceber essas digressões na sua vida social e na preparação de um discurso, que tenha pelo menos, ele como sujeito social. Ao elaborar um conteúdo de aula que tenha como elemento principal o processo coletivo de cidadania, ele mesmo experimenta a insignificância do seu papel em uma sociedade que premia a individualidade e a ganância. Não é demais afirmar que no seu cotidiano sobrem limitações para poder executar com liberdade um processo de transformação de seus alunos em sujeitos sociais.

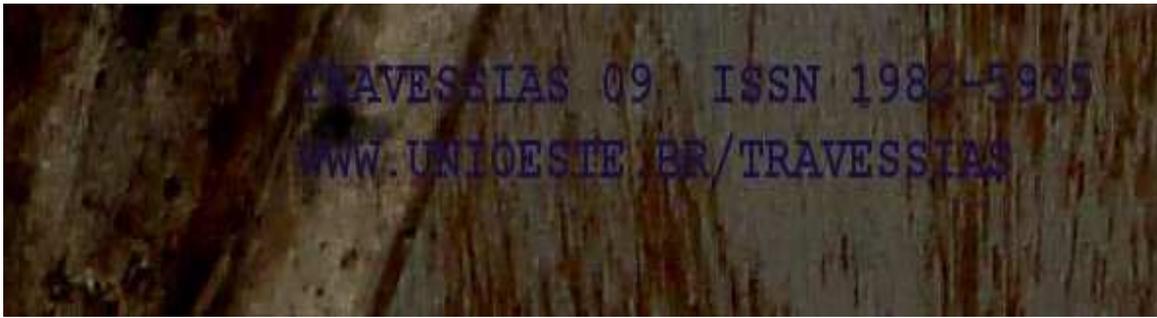
Na realidade, é isso que o professor faz de seu trabalho, ele é um autor, um agente que se utiliza da linguagem para atingir o seu objetivo didático, isto é, a produção de um gênero textual – oral ou escrito – em conjunto com os seus alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABREU-TARDELLI, L. S. (2006). Aportes para compreender o trabalho do professor iniciante em EAD. trabalhodoprofessor@chateducacional.com.br. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem). PUC/SP.
- BAKHTIN, Mickhail. (1997). **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.



- BRONCKART, J.-P. & MACHADO, A. R. (2004). Procedimentos de análise de textos sobre o trabalho educacional. In: MACHADO, Anna Rachel (Org.). **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. São Paulo: Contexto.
- BRONCKART, J.-P. & MACHADO, A. R. (2005). En quoi et comment les «textes prescriptifs» prescrivent-ils? Analyse comparative de documents éducatifs brésiliens et genevois. In: FILLIETTAZ, L. & BRONCKART, J.-P.(orgs.) **L'analyse des actions et des discours en situation de travail. Concepts, méthodes et applications**. Louvain-la-Neuve: Peters: 221-240.
- BRONCKART, J.-P. (2006). *Atividade de Linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano*. Campinas, Mercado das Letras.
- BRONCKART, Jean-Paul. (2008) *O agir nos discursos – das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas, Mercado das Letras.
- CAMARGO, W. A. (2001). **Os novos desafios do mundo do trabalho e os 'Intelectuais Políticos'**. Revista Varia Scientia, ISSN - 1519-9886, Cascavel, Edunioeste: 35-43.
- CAMARGO, W. A. (2002). **Globalização e Sindicalismo**. Revista Faz Ciência, ISSN - 1676-1030, Cascavel, Edunioeste: 07-16.
- CAMARGO, W. A. (2003). **Dilemas do Trabalho e Formação Sindical**. ISBN 8586571784, Cascavel, Edunioeste.
- CAMARGO, W. A. (2006). **Os Ambulantes em São Paulo - Estigmatização e Exclusão**. ISBN – 8576440539, Cascavel, Edunioeste.
- CLOT, Y. (2007). **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis, Vozes.
- CORREA, A. de J. (2007). **Letramento, alfabetização e trabalho do professor representados nos PCNs**. Dissertação. (Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem). PUC/SP.
- DURKHEIM, É. (1978). Da divisão social do trabalho. In: GIANOTTI, José. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo, Abril Cultural.
- FRIEDMAN, Georges. (1972). **O trabalho em migalhas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- GRINT, Keith. (1998). **Sociologia do Trabalho**. Lisboa, Instituto Piaget.
- LOUSADA, E. G. (2006). **Entre o trabalho prescrito e o realizado: um espaço de (re) construção da prática do professor**. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem). PUC/SP.



- MACHADO, A. R. & CRISTOVÃO, V. L. L. (2005). **Representações sobre o professor e seu trabalho em proposta institucional brasileira para a formação docente**. Anais do Congresso Internacional de Educação e Trabalho: Representações Sociais, Competências e Trajetórias Profissionais. Universidade de Aveiro. v. 1: 1-14.
- MACHADO, A. R. (2007). Por uma clarificação do objeto de estudo “trabalho do professor”. In: Guimarães, A. M. de Mattos & MACHADO, A. R. & Coutinho, M. A. (orgs.). 2007. **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. São Paulo: Mercado de Letras.
- MACHADO, A. R. (org.). (2004). **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: EDUEL.
- Marx, K. (1989). Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Grundrise). México, Siglo Veintiuno.
- MARX, Karl. (1977). Contribuição à Crítica da Economia Política. São Paulo.
- MARX, Karl. (1978). **O Capital**. Volume I, Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural.
- MAZZILO, T. M. de M. (2006). **O trabalho do professor em língua estrangeira representado e avaliado em diários de aprendizagem**. Tese. (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem). PUC/SP.
- WEBER, M. (1980). **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Lisboa, Editorial Presença.